

Uma revisão narrativa sobre os principais aspectos que permeiam a hesitação vacinal e seus impactos no cenário epidemiológico mundial

A narrative review on the main aspects that permeate vaccine hesitancy and its impacts on the global epidemiological scenario

DOI:10.34117/bjdv7n5-292

Recebimento dos originais: 13/04/2021

Aceitação para publicação: 13/05/2021

Amanda Carvalho Rodrigues

Graduanda; Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); Univille - Campus Centro. R. Rio do Sul, 270 - Bucarein, Joinville – SC
E-mail: mandacarvalhorodrigues@gmail.com

Aline Martins Lino

Graduanda; Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); Univille - Campus Centro. R. Rio do Sul, 270 - Bucarein, Joinville – SC
E-mail: aline.malino@gmail.com

Andreza Carvalho Rodrigues

Graduanda; Universidade Estácio de Sá (UNESA); 880, Rodovia Prefeito Engelbert Oechsler, 4056 - Tifa Monos, Jaraguá do Sul – SC
E-mail: andrezacr1998@gmail.com

Ariana Samara Langa

Graduanda; Universidade Estácio de Sá (UNESA); 880, Rodovia Prefeito Engelbert Oechsler, 4056 - Tifa Monos, Jaraguá do Sul – SC
E-mail: arianaslanga7@gmail.com

Januária Ramos Pereira Wiese

Mestre; Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE); Univille - Campus Bom Retiro. R. Paulo Malschitzki, 10 - Zona Industrial Norte, Joinville – SC
E-mail: januariaramos@gmail.com

RESUMO

Introdução: A hesitação em vacinar integrou-se às 10 ameaças à saúde pública global por tratar-se de uma problemática multifatorial com repercussão em todo o setor de saúde. A vacinação constitui a melhor ferramenta custo-benefício na prevenção de doenças infecciosas potencialmente graves, mas a desinformação tem proporcionado aumento de ideias contrárias, culminando em movimentos antivacina, que expandem-se globalmente conforme o ativismo virtual ganha força, somado à autonomia de reclamar liberdade de escolha. Assim, compreender tal problemática não se restringe aos efeitos, mas também à ideologia e reverberações na sociedade.

Objetivo: Compreender os principais motivos da expansão do movimento anti-vacina, destacar possíveis consequências e importância da vacinação no cenário epidemiológico e de saúde.

Metodologia: Revisão narrativa realizada a partir de artigos nas bases de dados PubMed, Google-Acadêmico e SciELO que abordassem o tema “não adesão vacinal”, publicados

nos últimos cinco anos. A seleção do material bibliográfico respeitou os critérios de inclusão: disponibilidade nos idiomas português, inglês ou espanhol; relação direta com o objeto de estudo e com a questão norteadora; ter sido publicado nos últimos cinco anos; não apresentar conflitos de interesse. Foram excluídos os artigos publicados anteriormente ao ano de 2015 e que não apresentassem relação direta com o tema.

Resultados: O ressurgimento de ideologias contra medidas de saúde têm aumentado e fomentado os movimentos antivacina. Dentre os principais motivos para a hesitação vacinal tem-se a não percepção dos benefícios trazidos, devido às doenças prevenidas terem mínima incidência. Ademais, medo das reações adversas aos aditivos e às toxinas, preocupação com a resposta imunológica e dificuldade no acesso a vacinas contribuem com tal hesitação. Os riscos resultantes dos crescentes movimentos antivacina variam desde surtos locais da doença até ressurgimento onde eram previamente extintas. A importância da vacinação não envolve apenas a proteção individual, mas também a coletiva, além de beneficiar o Estado, no sentido de redução de gastos com tratamentos de doenças facilmente preveníveis.

Conclusões: O declínio da adesão às metas vacinais anuais tem sido motivo de preocupação, sobretudo por se tratar de um problema multifatorial e com repercussão em todo o setor da saúde. Diante disso, é dever dos profissionais de saúde envolver-se no processo de instrução da população acerca da importância, segurança e eficácia da vacinação, bem como a explicação dos riscos de doenças infecciosas potencialmente graves. Isso se torna um objetivo mais palpável através da participação de liderança da comunidade junto às instituições de saúde locais.

Palavras-Chave: Vacinação, Recusa de Vacinação, Saúde Pública

ABSTRACT

Introduction: Vaccine hesitancy has become one of the 10 threats to global public health as a multifactorial problem with repercussions throughout the health sector. Vaccination is the best cost-effective tool in preventing potentially serious infectious diseases, but misinformation has led to an increase in contrary ideas, culminating in anti-vaccine movements, which expand globally as virtual activism gains strength, coupled with the autonomy to claim freedom of choice. Thus, understanding such a problem is not restricted to the effects, but also to the ideology and reverberations in society.

Objective: To understand the main reasons for the expansion of the anti-vaccine movement, highlight possible consequences and the importance of vaccination in the epidemiological and health scenario.

Metodologia: Revisão narrativa realizada a partir de artigos nas bases de dados PubMed, Google-Acadêmico e SciELO que abordassem o tema "não adesão vacinal", publicados nos últimos cinco anos. The selection of the bibliographic material met the following inclusion criteria: availability in Portuguese, English or Spanish; direct relation to the object of study and the guiding question; having been published in the last five years; no conflicts of interest. Articles published before the year 2015 and that did not present a direct relationship with the theme were excluded.

Results: The resurgence of ideologies against health measures have increased and fostered antivaccine movements. Among the main reasons for vaccine hesitancy is the lack of perception of the benefits brought, because the prevented diseases have minimal incidence. Moreover, fear of adverse reactions to additives and toxins, concern about immune response, and difficulty in accessing vaccines contribute to such hesitation. The risks resulting from the growing antivaccine movements range from local outbreaks of the disease to resurgence where they were previously extinct. The importance of

vaccination involves not only individual protection, but also collective protection, and benefits the state by reducing spending on treatment of easily preventable diseases.

Conclusions: The decline in adherence to annual vaccination goals has been a cause for concern, especially because it is a multifactorial problem with repercussions throughout the health sector. Therefore, it is the duty of healthcare professionals to engage in the process of educating the population about the importance, safety, and efficacy of vaccination, as well as explaining the risks of potentially serious infectious diseases. This becomes a more tangible goal through the participation of community leadership with local health care institutions.

Key words: Vaccination, Vaccination Refusal, Public Health

1 INTRODUÇÃO

A vacina foi descoberta por Edward Jenner em 1796, após anos de experimentos com a varíola, uma das doenças mais devastadoras na história da humanidade. No entanto, apenas chegou em território nacional em 1804. Apesar de em 1832 ter sido promulgada a primeira legislação com obrigatoriedade vacinal, somente em 1973 o Ministério da Saúde determinou a criação do Programa Nacional de Imunizações. Atualmente, 19 vacinas recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) são oferecidas no Sistema Único de Saúde[1][2].

A vacina é uma importante ferramenta custo-efetiva à saúde pública[3], prevenindo milhões de mortes por ano. No entanto, apesar de ser intervenção eficaz na proteção contra diversas doenças infecciosas potencialmente graves, a sua aceitação ainda não é universal[4][5].

A recusa vacinal é uma problemática multifatorial antiga, mas tem ganhado força, com grande repercussão no setor de saúde. As ideias antivacina expandem-se globalmente à medida que o ativismo virtual dissemina-se no processo de globalização, associado a ideias de autonomia e liberdade de escolha[6]. Esse desafio tem alcançado nível mundial, culminando no reaparecimento de doenças e aumento de mortes preveníveis pela vacinação, levando a OMS, em 2019[7], a incluir “hesitação vacinal” às dez ameaças à saúde pública global[8].

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU), inclui-se “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades”, propondo acesso universal a medicamentos e vacinas de qualidade, seguros, eficazes e acessível, até 2030. No entanto, é necessário não apenas a disponibilidade do serviço de imunização vacinal, mas a capacitação dos

profissionais da área da saúde na instrução da população e no esclarecimento de dúvidas e receios em relação a esse indispensável método de prevenção. Além disso, permitir acesso facilitado da população às informações de vigilância, licenciamento e monitoramento das vacinas contribui para estimular a confiança nos programas de imunização[9].

Dessa forma, diante da crescente adesão aos movimentos antivacina, percebe-se a necessidade de debater esse assunto. O objetivo deste trabalho é compreender os principais motivos da expansão do movimento antivacina, abordando efeitos, ideologia e reverberações na sociedade, além de destacar a importância da vacinação no cenário epidemiológico e de saúde.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa realizada a partir da busca de artigos em bases de dados PubMed, Google Acadêmico, SciELO, site oficial da OMS e ONU que abordassem o tema “não adesão vacinal” publicados nos últimos cinco anos. Os termos utilizados na pesquisa foram “vaccination refusal”, “vaccine AND benefits and risks”, “risk AND misinformation AND vaccine”, “vaccine hesitancy”, “vaccine refusal AND preventable diseases”, “moviment antivacine”, “vaccine phobia”, “imunização”, “movimento antivacina e sociedade urbanizada”, “diminuição da vacinação AND doenças preveníveis”. A seleção do material bibliográfico respeitou os seguintes critérios de inclusão: disponibilidade nos idiomas português, inglês e espanhol; relação direta com o objeto de estudo e com a questão norteadora do mesmo; ter sido publicado nos últimos cinco anos; não apresentar conflitos de interesse. Foram excluídos os artigos publicados anteriormente ao ano de 2015 e que não apresentassem relação direta com o tema.

3 RESULTADOS

O presente estudo selecionou estudos das bases de dados PubMed, SciELO e Google Acadêmico. Para a seleção, utilizou-se os descritores já citados, resultando em 653 estudos, foram selecionados os subitens “epidemiology”, “ethnology”, “psychology”, “statistics and numerical data” e “trends”, com os filtros de data a partir de 2015 e nas línguas inglês, português e espanhol, computando 168 artigos, dos quais 53 foram selecionados por seus títulos adequarem-se à proposta deste estudo. Com base em seus resumos, 17 artigos desse total foram lidos integralmente e utilizados como referência,

bem como sites oficiais da Organização Mundial de Saúde, da União Europeia e das Nações Unidas Brasil, compondo o restante das referências.

Observou-se a prevalência de publicações na língua inglesa, representando 52% do total, comparado à língua espanhola (4,5%) e à língua portuguesa (43,5%). Dentre os estudos selecionados, houve variação na prevalência de publicações por ano, apresentando predomínio daqueles publicados no ano de 2018.

4 DISCUSSÃO

Utilizando-se de informações falsas, movimentos antivacina disseminam questionamentos sobre a segurança das vacinas. Por meio das mídias sociais difundem conteúdos inverídicos acerca do assunto e, conseqüentemente, aumentam a hesitação em vacinar. Os motivos para essa hesitação são crescentes pois, ao contrário dos potenciais riscos da vacina, seus benefícios não são percebidos, já que as doenças prevenidas pela vacinação tem mínima incidência, tornando-se desconhecidas por parcela significativa da população. Ademais, o medo das reações adversas aos aditivos e a preocupação com resposta imunológica contribuem com tal hesitação.

4.1 PRINCIPAIS ASPECTOS DA HESITAÇÃO VACINAL

Em 2019, a OMS incluiu a “hesitação em vacinar” às 10 ameaças à saúde pública, caracterizando-a como “atraso ou recusa à vacina na disponibilidade desse serviço”. Além disso, propôs-se que o sentimento de antivacina nas mídias sociais contribuiu para aumentar a “hesitação vacinal”[10], já que permitem a difusão rápida e facilitada de opiniões e ideologias sem fundo científico, gerando um desafio para o setor da saúde. Isso ocorre devido ao desconhecimento acerca da severidade de doenças erradicadas, tornando a preocupação branda e, por vezes, inexistente[11]. Os movimentos antivacina utilizam-se da distorção e disseminação de inverdades sobre a segurança e a eficiência das vacinas[1].

Dessa forma, é fundamental a adaptação das intervenções dos órgãos da saúde nesse cenário de tecnologia, permitindo maior acesso à informação de qualidade e esclarecendo a importância das vacinas e o perigo associado a não vacinação[12].

4.2 MOTIVOS DA NÃO ADESÃO VACINAL

O declínio da adesão às metas vacinais anuais tem sido motivo de preocupação, sobretudo por se tratar de um problema multifatorial e com repercussão em todo o setor da saúde. Apesar dos esforços em controlar e erradicar doenças infecciosas potencialmente graves, como a varíola e a poliomielite, o ressurgimento de ideologias contra medidas de saúde têm aumentado e fomentado os movimentos antivacina[13].

A revista Lancet, em 1998, publicou um estudo do médico britânico Andrew Wakefield que relacionava a vacina MMR ao autismo, mas após descobrir que se tratava de um estudo manipulado, a publicação foi removida. No entanto, esse estudo ainda é utilizado em defesa dos movimentos antivacina, disseminando medo e insegurança[14].

Os motivos de hesitação vacinal são crescentes, pois há desconhecimento sobre as doenças prevenidas com a vacinação. Nesse sentido, as taxas de vacinação diminuem conforme atenuam-se os casos dessas doenças[15]. Ademais, crenças religiosas, espirituais, filosóficas e morais são motivos crescentes de recusa vacinal, isso acontece quando os pais manifestam objeção a componentes de algumas vacinas, como tecido fetal ou produtos não naturais[16].

A imunização raramente apresenta efeitos adversos, sendo eles locais (dor, calor, rubor, edema) ou sistêmicos, leves e autolimitantes, como febre e mialgia. Eventualmente, podem ocorrer anafilaxia ou outros eventos que podem ou não decorrer da vacinação, exigindo investigação mais aprofundada para confirmar ou refutar o incidente associado à imunização[5].

Por fim, outros aspectos que contribuem com a hesitação vacinal dos pais são o medo das chamadas toxinas e aditivos das vacinas e a preocupação com a capacidade do sistema imunológico da criança conseguir lidar com a carga de substâncias recebida, questionando a segurança e eficácia delas[14].

4.3 RISCOS ASSOCIADOS À NÃO VACINAÇÃO

Avaliando-se os potenciais riscos relacionado à imunização, infere-se que o maior deles é abster-se dela, visto que os efeitos colaterais associados a esse método de proteção são muito incomuns e inexpressivos. Embora a decisão de não vacinação seja individual, as repercussões são coletivas, comprometendo a chamada imunidade de grupo.

Apesar das evidências de eficácia e dos benefícios gerais da imunização - as vacinas evitam cerca de 2 a 3 milhões de mortes por ano - a hesitação da vacina tornou-se uma preocupação global[17]. Nessa perspectiva, a taxa de vacinação MMR declinou

de 92% em 1996 para 84% em 2002 no Reino Unido, no ano seguinte a adesão estava abaixo da taxa necessária para evitar uma epidemia de sarampo, e em 2008 essa doença foi declarada como endêmica pela primeira vez em 14 anos no Reino Unido[18].

No cenário nacional, desde 2013 a cobertura vacinal de MMR tem declinado constantemente[19]. Reflexo disso foi o surto de sarampo entre 2018-2019 em diversos estados brasileiros, configurando um aumento de 18% de casos, segundo o Ministério da Saúde[20].

Assim, os riscos que os crescentes movimentos antivacina podem acarretar variam desde surtos da doença até ressurgimento de doenças. O papel dos profissionais de saúde na interrupção da disseminação de inverdades, bem como a intervenção em favor dos benefícios da vacinação é fundamental para garantir saúde e qualidade de vida à população.

4.4 IMPORTÂNCIA DA VACINAÇÃO

Ao proporcionar imunização individual e coletiva, a vacinação dificulta a propagação de agentes infecciosos. Nesse sentido, apenas 85% das crianças receberam uma única vacina contra o sarampo até o final do ano de 2019, conforme a OMS, nos Estados Unidos, Brasil e Europa, fato que acarreta maior disseminação do vírus e gera surtos. Tal aumento no número de casos de sarampo nesses locais seria evitado se mais pessoas fossem vacinadas, alcançando imunidade de rebanho nas regiões atingidas[21][22].

Ademais, a vacinação também beneficia o Estado, visto que, de acordo com estimativas feitas pela OMS, se todas as crianças do mundo recebessem vacina capaz de gerar proteção contra o *Streptococcus pneumoniae*, ocorreria a interrupção do uso de antibióticos por 11 milhões de dias a cada ano. Assim, se a cobertura vacinal fosse de 100% haveria uma redução no gasto em antibióticos contra essa bactéria, de modo que esse investimento pudesse ser aplicado em outras áreas de interesse público ou até mesmo no próprio setor da saúde. Além disso, a vacinação em massa evitaria que o microrganismo criasse mecanismos de resistência contra antibióticos decorrente do uso indiscriminado desses medicamentos[23].

4.5 INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO

A instrução da população acerca da importância, da segurança e da eficácia da vacinação, bem como a explicação dos riscos de doenças infecciosas potencialmente graves, constitui-se na promoção de conscientização e educação das comunidades[14].

A maioria das intervenções utilizadas para lidar com a hesitação vacinal baseia-se no princípio de déficit de informações populacional, pressupondo que a decisão de não vacinação deva-se à falta de conhecimento, sendo a solução, portanto, oferecer mais informações acerca do assunto. Todavia, existem evidências apontando para a ineficácia desse método, tornando-o sem poder de mudar a opinião e a ação das pessoas, inclusive, prejudicando a relação médico-paciente. Essa relação individual entre pacientes e médicos pode promover a aceitação da vacina pela população, destacando-se a importância da construção de um relacionamento bem intencionado e de confiança com os pacientes[14].

Dentre as intervenções mais bem sucedidas para instigar a população a vacinar-se foram as que combinaram diversas estratégias: direcionamento direto das pessoas não vacinadas, aumento de conhecimento e conscientização da vacinação, maior acesso às imunizações, tornar a vacinação obrigatória e sob sujeição de penalidade, envolver líderes influentes na promoção da vacinação e individualizar as preocupações de populações específicas. Esta foi a estratégia mais bem sucedida, mostrando a necessidade de estudar os principais fatores relacionados à hesitação vacinal para se propor intervenções específicas para cada situação[24].

5 CONCLUSÃO

Diante disso, é possível perceber a importância da vacinação e de ofertar informações confiáveis e pertinentes à população acerca desse método de prevenção de doenças infecto-contagiosas, a fim de diminuir a hesitação vacinal e consequentes surtos que impactam na saúde física individual e na economia local. Nesse sentido, os profissionais da área da saúde detêm papel fundamental na disseminação de conhecimento científico acerca da segurança e da eficácia da vacinação, esclarecendo inverdades e acolhendo dúvidas e receios trazidos pelos pacientes, para que optem pela vacinação de forma orientada[20]. Além disso, cabe a esses profissionais a identificação de particularidades dos indivíduos, como alergia a componentes da vacina, bem como contraindicações de vacinas com vírus vivo a populações de risco, a fim de prevenir efeitos adversos relacionados à imunização[5]. Por fim, são necessários novos estudos

acerca das interferências biopsicossociais que agem sobre a adesão vacinal com o intuito de estabelecer intervenções mais adequadas para cada motivo de hesitação.

REFERÊNCIAS

- [1] Aps L R de M M, Piantola M A F, Pereira S A, Castro J T de, Santos F A de O, & Ferreira L C D S (2018). Eventos adversos de vacinas e as consequências da não vacinação: uma análise crítica. *Revista de Saúde Pública*, 52, 40.
- [2] Dois Séculos de Vacina no Brasil. *Revista da Vacina*. Ministério da Saúde - Centro Cultural da Saúde [página da internet]. [acesso em 20 de julho de 2020]. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/revolta/ltempo.html>
- [3] Bernabé E M. Aprender a comunicar para prevenir. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2020 [citado 2020 Jul 20]; 24: e190592
- [4] Mizuta A H, Succi G de M, Montalli V A M, & Succi R C de M (2018). Percepções acerca da importância das vacinas e da recusa vacinal numa escola de medicina. *Revista Paulista de Pediatria*.
- [5] Di Pasquale A, Bonanni P, Garçon N, Stanberry LR, El-Hodhod M, & Tavares Da Silva F (2016). Avaliação de segurança de vacinas: aspectos práticos na avaliação de benefícios e riscos. *Vaccine*, 34 (52), 6672-6680.
- [6] Grzybowski A, Patryn RK, Sak J e Zagaja A (2017). Recusa de vacinação. Autonomia e coerção permitida. *Patógenos e Saúde Global*, 111 (4), 200–205.
- [7] Organização Mundial da Saúde [página na internet]. Dez questões de saúde que a OMS abordará este ano [acesso em 22 jul 2020]. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/feature-stories/ten-threats-to-global-health-in-2019>
- [8] Succi RC de M (2018). Recusa de vacina - o que precisamos saber. *Jornal de Pediatria*.
- [9] Nações Unidas Brasil [página internet]. Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável [acesso em 20 de julho de 2020]. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>
- [10] Larson H. The biggest pandemic risk? viral misinformation. 16 October, 2018. Available: <https://www.nature.com/articles/d41586-018-07034-4>
- [11] Comissão Europeia. Proposta de Recomendação do Conselho sobre o reforço da cooperação contra as doenças que podem ser prevenidas por vacinação. Bruxelas: Comissão Europeia; 2018 [acesso 11 ago 2018]. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52018DC0244&from=PT>
- [12] Shimizu N R. Movimento antivacina: a memória funcionando no/pelo (per)curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e-urbana. *Revista do Edicc*, v. 5, n. 1, outubro de 2018. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/viewFile/5963/7310>
- [13] McLaren RA, Stein JL e Minkoff H (2019). Sarampo: Não existe vacina contra a fobia vacinal. *American Journal of Perinatology*.

- [14] McClure CC, Cataldi JR e O'Leary ST (2017). Hesitância de vacinas: onde estamos e para onde vamos. *Clinical Therapeutics*, 39 (8), 1550-1562.
- [15] Salmon DA, Dudley MZ, Glanz JM e Omer SB (2015). Vaccine Hesitancy: Causes, Consequences, and a Call to Action *American Journal of Preventive Medicine*, 49 (6), S391 – S398.
- [16] Phadke, VK, Bednarczyk, RA, Salmão, DA e Omer, SB (2016). Associação entre recusa de vacinas e doenças imunopreveníveis nos Estados Unidos. *JAMA*, 315 (11), 1149.
- [17] World Health Organization [homepage na internet]. Ten threats to global health in, 2019. 2019. Available: <https://www.who.int/emergencies/ten-threatsto-global-health-in-2019>
- [18] Hussain A, Ali S, Ahmed M, & Hussain S (2018). The Anti-vaccination Movement: A Regression in Modern Medicine. *Cureus*.
- [19] Guimarães K. Vacinação em queda no Brasil preocupa autoridades por risco de surtos e epidemias de doenças fatais. *BBC Brasil* 2017; 29 aug.
- [20] Bedford H E, & Elliman D A C (2019). Fifteen-minute consultation: Vaccine-hesitant parents. *Archives of Disease in Childhood - Education & Practice Edition*, edpract–2019–316927.
- [21] World Health Organization [homepage na internet]. Immunization coverage. 2020. Available: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/immunization-coverage>
- [22] Valéria S G C, Laís M G N. Hesitação vacinal: direito constitucional à autonomia individual ou um atentado à proteção coletiva? *Prisma Jur.*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 224-240, jul./dez. 2019
- [23] World Health Organization [homepage na internet]. Why is vaccination important for addressing antibiotic resistance? 2016. Available: <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/why-is-vaccination-important-for-addressing-antibiotic-resistance>
- [24] Jarrett, C., Wilson, R., O'Leary, M., Eckersberger, E., & Larson, HJ (2015). Estratégias para enfrentar a hesitação de vacinas - Uma revisão sistemática. *Vaccine*, 33 (34), 4180-4190.